

Eleições na Catalunha: “Tripartido”, parte dois

Filipe Romão . IEEI

No Domingo passado, apenas quatro dias depois das eleições para o parlamento da Catalunha, as três forças de esquerda da região (Partido Socialista, Esquerda Republicana e Iniciativa pela Catalunha), que já formaram governo em 2003, chegaram a novo entendimento para a [reedição do pacto “Tripartido”](#), que se materializará na formação de um novo executivo, chefiado pelo socialista José Montilla. Sete pastas caberão aos socialistas, cinco aos republicanos e duas aos comunistas e ecologistas da Iniciativa.

O ponto mais polémico deste novo acordo parece ser o regresso do líder dos republicanos, Carod Rovira, ao governo, na qualidade de vice-presidente. Recorde-se que poucos meses depois da entrada em funções do anterior executivo, o mesmo Carod Rovira, na altura como [Conseller en Cap](#) (cargo equivalente ao de primeiro-ministro no governo catalão), se viu obrigado a renunciar ao cargo por ter mantido [encontros políticos com a ETA](#). Alguns analistas consideram ser esta a razão pela qual agora ocupa o lugar de vice-presidente e não o de *Conseller en Cap*.

Os socialistas catalães, aparentemente contrariando a [vontade do Partido Socialista Operário Espanhol](#) e do seu líder e presidente do governo espanhol, Rodriguez Zapatero, preferiram não optar por um governo de “grande coligação” com a Convergência e União (CIU), a força política nacionalista moderada que obteve maior número de votos e de deputados nas eleições de dia 1 de Novembro.

O presidente da CIU, Artur Mas, e o seu secretário-geral e líder nas Cortes espanholas, Josep Duran Lleida, já anunciaram que o [apoio ao governo central socialista](#) está comprometido. Confirmam-se, assim, os receios de Zapatero, que teme ver o seu executivo refém de um apoio parlamentar que se limite às forças de esquerda, ao mesmo tempo que o Partido Popular se congratula pela aparente perspectiva do fim do isolamento a que tem estado votado na oposição aos socialistas.